ANO 9.º LISBOA — QUINTA-FEIRA, 31 DE OUTUBRO DE 1929 N.º 2626

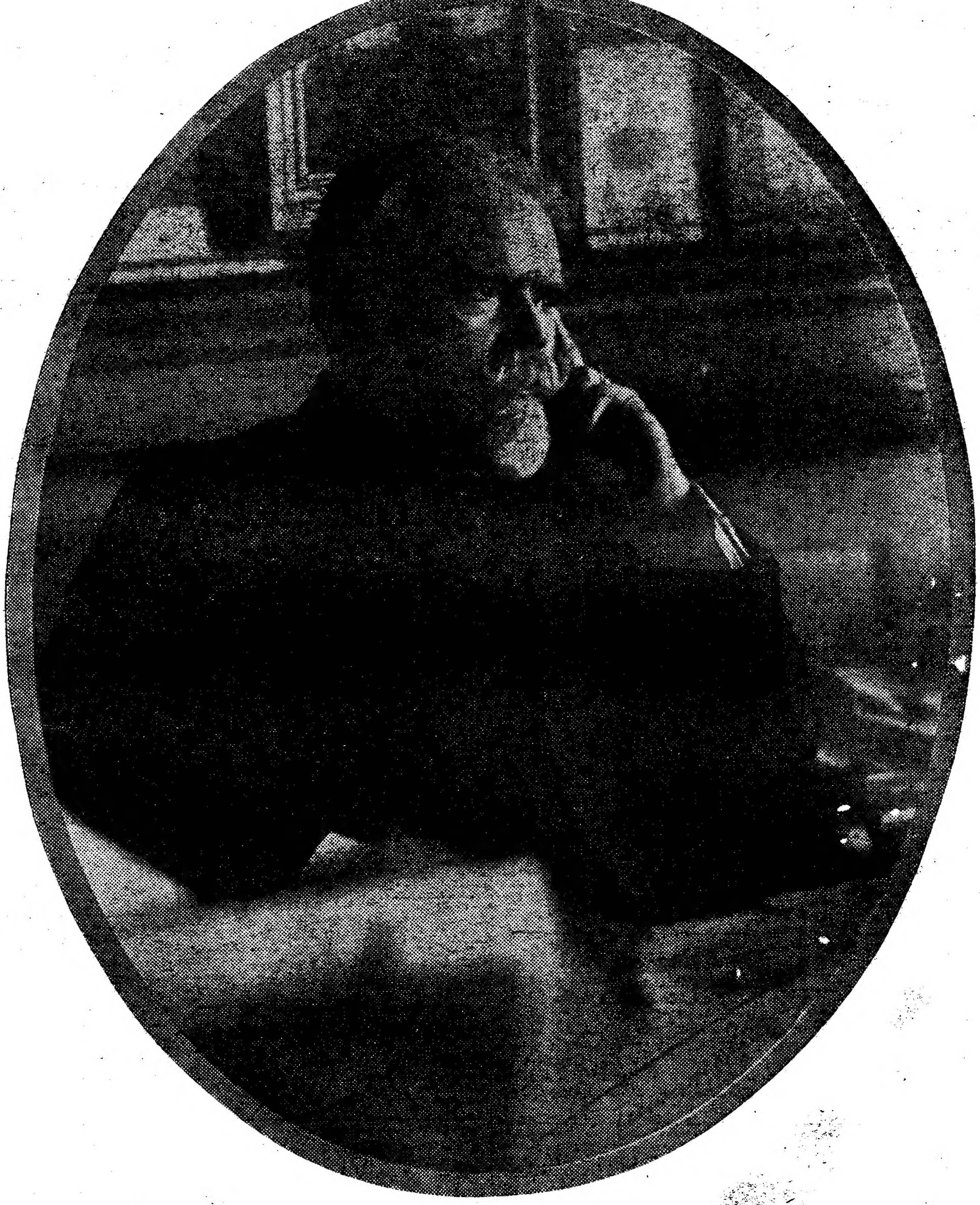
Diario de Lisbôa

Numero avulso: 80 CENTAVOS
Administrador e editor
MANZONI DE SEQUEIRA
ADMINISTRAÇÃO — Rua da Rosa, 57, 2.º
Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, composição e impressão
RUA LUZ SORIANO, 48
TELEFONES { Direcção: T. 152 / Redacção: T. 153 e 154
Endereço telegrafico DIBOA

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



Antonio José d'Almeida

Chá das cinco

Filmes sonóros

Muito se tem escrito dos filmes sonoros e alguns cinefilos portugueses os terão já visto... e ouvido, em Paris e por essas capitais onde as novidades primeiro chegam. A Madrid veiu já estudar a nova fase cinematografica o nosso Leopoldo O'Donell, precursor em Portugal de tudo que se relaciona com a arte do ex-silencio ,e o meu primeiro cuidado, nesta estancia de repouso, foi travar relações com os filmes sonoros de que lhes venho dar resumidas impressões.

Iniciei a série com o impressionado pelo fotogenico e sonoro Chevalier que nos repete todas as suas conhecidas «Valentine», acompanhado de «girls» americanissimas; e confesso que prefiro o Chevalier em carne e osso, cantando sem a intervenção de aquela especie de grafonola, que a tal se resume a novidade introduzida nas suas possiveis exibições cinematograficas. E assim o devem ter reconhecido os produtores de filmes sonoros porque os que seguidamente vi e ouvi prescindem da voz humana para apenas nos darem ruidos e musicas adaptadas ás situações, tal como já se faz no nosso S. Luís, directamente e sem a intervenção, repito, da tal grafonola ou aparelho que a valha.

Vi e ouvi ainda «A Arca de Noé» e «Orquideas selvagens» com Greta Garbo, apenas com musica apropriada ao argumento e ruidos de multidões, automoveis, apitos e buzinas, portas que se fecham e palmas que sôam.

Por tudo isto me permito declarar-lhes que não perdemos nada com a não ida dos filmes sonoros a Lisboa, e julgo mesmo que a sua aparição no cinematografo será um incidente semelhante ao do colorido, uma novidade inutil para a arte do claro-escuro e do silencio.

Madrid, Outubro, 1929.

ROGERIO PEREZ

O INQUERITO FEMINISTA do «Diario de Lisboa»

Interrompemos hoje e amanhã, por falta de espaço o inquerito feminista que estamos realizando entre algumas senhoras portuguesas, e que tem causado entre os nossos leitores a mais justificada sensação.

Temos já em nosso poder, e serão publicadas á medida que nos chegaram as respostas das sr.as dr.a D. Elina Guimarães, dr.a Sara Benoliel, D. Adelaide Lima Cruz, D. Oliva Guerra e D. Teresa Leitão de Barros.

Corrêa Leite, Santos & C.a em liquidação

Convidam-se os credores da firma Corrêa Leite, Santos & C.a, em liquidação a apresentar á respectiva Comissão Liquidataria as suas reclamações de credito escritas e devidamente fundamentadas, no prazo de trinta dias a contar desta data.

Lisboa, 31 de Outubro de 1929.

A Comissão Liquidataria

BOLSA DE LISBOA

31 de Outubro

CONTADO

VALORES	Efectuado	Comprad.	Vendedor
P. Int. 6 ½ 0/0 1923 O..	899$00	899$00	900$00
P. Ext. 3 0/0 1.a série...	925$00	924$00	927$00
P. Ext. 3 0/0 2.a série...	—	—	—
P. Ext. 3 0/0 3.a série....	1.012$00	1.012$00	1.014$00
Banco Com. de Lisboa.	—	516$00	—
Banco Lisboa & Açôres	—	525$00	—
Banco de Portugal........	1.055$00	1.055$00	1.060$00
C.a C. F. de Benguela	1.550$00	1.550$00	1.555$00
C. C. F. N. L. 3 0/0 2.o g.	73$30	73$00	73$30
C.a das Aguas de Lisboa	4 0$00	430$00	431$00
C.a Gaz e Eletric., cou.	296$00	296$00	299$00
Soc. Industrial Aliança	—	170$00	175$00
C.a Portugal e Colonias	111$00	110$50	112$00
C.a Nac. de Navegação	279$00	278$00	279$00
C.a Tabacos de Portug.	639$00	637$00	640$00
C.a Portug. de Tabacos	340$00	337$00	340$00
The Match Tobacco T. S. C.o..................	76$50	76$60	76$80
C.a Amboim..................	157$00	157$00	157$50
C.a Col. Buzi 1.a emissão	74$00	74$00	74$50
C.a Col. Buzi 2.a emissão	—	—	—
C.a de Seguros Sagres...	—	1.000$00	1.100$00
A Tabaqueira..............	—	—	—

COMO EM ALCACER-QUIBIR...

NA CHINA

os portugueses batem-se de guitarra a tiracolo

Federico Garcia Sanchiz, o notavel conferencista e escritor espanhol que em breve visitará Portugal, publicou agora, no *A B C*, de Madrid, uma interessante cronica de Shangai, intitulada *Un fado en la China*. Descreve o brilhante jornalista as temerosas lutas travadas no interior e nos arredores da cidade, e termina com estas palavras:

«Uma vez, já de madrugada, ia eu pelo Bund, o porto de Shangai, famosissimo em todo o Extremo Oriente pela enorme série de Bancos, que o transformam numa apoteose da colonização ocidental, e áquela hora, e nas circunstancias já conhecidas, solitario, duma roxa vaguidade, em que se diluia a etérea prata do reflector dos barcos de guerra, e refrescado pelo alento do rio, do barro do seu leito, que descobre nas margens a maré. Nisto soaram umas violas e umas guitarras, e dali a pouco, um fado empoalhou o nocturno com a sua farinacea suavidade. Os portugueses! Eram os portugueses da «Ever Victorious Arruy», na sua maioria procedentes de Macau. Cumpriam a guarda, e, ao retirar-se, com a espingarda em bandoleira, tocavam e cantavam, como se fôssem de ronda, não militar, mas saudosa. Passaram, os rostos morenos e de olhos brilhantes, as vozes dulcissimas, aquele grande desmaio estremecido...

Só eles davam serenata, a ninguem, a eles proprios, rendendo tributo ao lirismo da raça. E a sensibilidade dos lusitanos, entre o rancor bastante calculado, quasi algebrico, dos chineses, e a violencia dos estrangeiros que os beneficios materiais proporcionados pela ocidentalização não justificavam, dava uma palpitação humana no meio da tragedia, e ao mesmo tempo induzia a compreender a tristeza da vida e iludia com anhelos redentores como ideais.

...Volto a ouvir aquele fado entre os hinos e as salvas que celebram a estada em Espanha do Presidente da Republica de Portugal.»

O MASSACRE de Cuangar

Passa hoje mais um aniversario sobre o massacre ocorrido no Posto Militar do Baixo-Cubango, com séde na Capitania Mór do Cuangar.

Pela noite de 31 de Outubro de 1914, quando ainda Portugal não tinha intervindo na Grande Guerra, e na Europa, raiavam os primeiros clarões do Grande Conflito, já nos confins da nossa Provincia de Angola, era derramado sangue português. Os alemães que já tinham praticado os primeiros actos de traição em Naulila, atacaram de surpresa o posto da Capitania-Mór, de que era capitão-mór o tenente de infantaria Joaquim Ferreira Durão, natural da Ilha de S. Miguel (Açores), valente oficial que já na campanha do Cuamato tinha coberto o seu nome de gloria.

Os alemães entraram no Forte e quando todos dormiam, mataram soldados, sargentos e dois oficiais, um o tenente Sousa Machado, outro o tenente Durão.

Escola Central de Oficiais

Na Escola Central de Oficiais, realiza-se amanhã, pelas 14 horas, a sessão de abertura do novo ano lectivo, assistindo os srs. Presidente da Republica e ministros da Instrução, Guerra, Marinha e altos comandos do Exercito e da Armada.

O comandante da escola, sr. coronel Ferreira Martins, convida, por este meio, todos os oficiais do Exercito e da Armada e, bem assim, todas as pessoas que o desejem fazer, a assistir á referida festa.

* * *

Pelo sr. ministro da Guerra vão ser louvados, em «Ordem do Exercito», os antigos professores da Escola Central de Oficiais, srs. coronel João Diogo Guerreiro Telo e major Luís Lelo.

Aviação naval

Já se encontram no Centro de Aviação Naval de Lisboa os quatro hidro-aviões «Gipy Moth» ultimamente adequiridos na casa The Havilland, Inglaterra, pela missão de que era chefe o comandante Moreira de Carvalho e que se destinam á instrução de acrobacia na Escola Almirante Gago Coutinho.

GINASIO
COMPANHIA LUCILIA-ERICO
HOJE — A's 21,30 — HOJE
O maior exito — Formidavel criação de Lucilia Simões em
«A Raça de Azaral»

TIVOLI
GAGLIOSTRO

3 «RALLYES» internacionais

Realizam-se proximamente três grandes «rallyes» automobilistas internacionais. Por ordem de data são eles:

Em 9, 10, 11 de Novembro: «Rallye» de San Remo.

Em Janeiro: «Rallye» de Riga.

De 29 a 2 de Fevereiro: «Rallye» de Monte Carlo.

O mais importante é, sem duvida o de Monte Carlo. Pode mesmo dizer-se que a competição de Riga se faz para reunir um lote de automobilistas que queiram ir para Monte-Carlo com uma das maiores distancias quilometricas possiveis.

Luís Derouet

Perfazem-se hoje dois anos sôbre o desaparecimento de Luís Derouet, que uma bala traiçoeira derrubou quando muito havia ainda a esperar do jornalista distinto e do republicano combativo e convicto, a quem a Patria e a Republica tanto ficaram devendo.

Recordar no dia de hoje a figura inconfundivel de Luís Derouet, é prestar homenagem a quem soube, numa vida exemplar, combater por um ideal alevantado, com sacrificio e abnegação.

Volta á Europa

Seguiram de Lisboa com destino ao Algarve, os srs. Eduardo Pereira Leite e José Tavares de Almeida, continuando assim a sua volta a pé pela Europa.

Novo medico

Concluiu, com alta classicação, o curso de medico, o sr. João de Figueiredo Barbudo, filho do funcionario superior dos Telegrafos sr. João Antonio Barbudo.

Escola Profissional D. Maria Pia

Realizou-se hoje, ás 15,30, na Escola Profissional D. Maria Pia, com a assistencia dos srs. ministros do Interior e Director Geral da Assistencia Publica, sr. Luis Machado Pinto, a inauguração do Salão de Festas e do Cinema.

CONDES
A Sereia de Veneza

Policlinica Popular
Clinicas medica e cirurgica
ESPECIALIDADES
Raios X e ultra-violeta.—Analises
Classes pobres — 10 ás 17 — Tel. N. 5460
R. MORAES SOARES, 114, 1.°

Pelos teatros

O "Chá de Parreira"

«Chá de Parreira», a grande revista da Companhia Hortense Luz, estreia-se amanhã no Trindade, terminando esta noite a sua carreira no Variedades. Será uma nova e gloriosa «étape» a percorrer, pois que «Chá de Parreira» constituirá um espectaculo novo, tão brilhantemente surgirá ampliada, remodelada e enriquecida, com a estreia das actrizes Irene Isidro e Maria Sampaio e da bailarina Stephanie, do bailado «O Eterno Disco», criação de Francis, do final de acto «Frutos de Portugal», de cinco numeros de actualidade e um quadro novo «Maquinas Falantes», «maquette» de Antonio Amorim e realização de Luz & Almeida, com a seguinte distribuição:

«Elvira», Hortense Luz; «Saudade», Corina Freire; Irene Isidro, Maria Sampaio e Maria Benard; «O Fado», Ema de Oliveira; «Miss Grafonola», Georgina Cordeiro; «Esposa», Maria Sampaio; «Familia Gramofone», Maria Brazão; «Conquistadora», Antonia Ramos; «Ernesto», Nascimento Fernandes; «Parreira», Alberto Ghira; «Bonito», Santos Carvalho; «Homem moderno», Fernando Pereira; «Valente», Armando Machado; «Gramofone», Reginaldo Duarte.

"Sol de Portugal"

Inaugura-se amanhã a época de inverno no Teatro Variedades, com espectaculos por sessões, reaparecendo a revista «Sol de Portugal» na sua nova fase, completamente remodelada e ampliada com os novos quadros «Feira de Amostras» e «Distracções». O elenco reune os principais elementos da primitiva, Lina Demoel, Elisa Guisette, Margarida Martinó e Margarida de Almeida, com Carlos Leal, no «compadre» «Salta Pocinhas», e outros artistas festejados que vão criar varios numeros de sensação: Zulmira Miranda, recem-chegada da sua brilhante «tournée» ao Brasil; Maria Laura, Soares Correia, Alberto Reis e José Vitor. A realização é de Rosa Mateus.

"A primeira noite"

Estão adiantadissimos os ensaios de apuro da peça «A primeira noite», que sobe á scena no Teatro do Gimnasio, depois da carreira de «A Raça de Azaral». A marcação é do proprio autor, o consagrado dramaturgo Charles Meré e foi adaptada pelo professor Augusto de Melo e levantada por Erico Braga. Todos os scenarios para «A primeira noite» são novos e decorados interiormente com o melhor mobiliario que até hoje se tem exibido em palcos portugueses. As «maquettes» dos scenarios são de Cunha Barros, (1.o, 2.o e 3.o) e de Erico Braga a do 4.o acto e executados por Luz & Almeida e Almeida & Duarte.

Atrás do reposteiro

Os personagens femininos da comedia «A Rainha de Biarritz» com que se estreia a Companhia do Teatro Politeama, no dia 7 do proximo mês, vão ser interpretados pelas artistas Auzenda de Oliveira, Maria Matos, Amelia Martins, Maria Helena, Maria de Carvalho, Miquelina Rodrigues e Zita de Oliveira.

— Na proxima segunda-feira, 4, a Companhia Chaby Pinheiro efectua no Teatro Sá da Bandeira, do Porto, a primeira representação da comedia «A Sulipanta», adaptação de Feliciano Santos.

— Foi operado, encontrando-se em via de restabelecimento, o ponto teatral Mario Soares, contractado para a Companhia Satanela-Amarante.

— Continua obtendo grande exito, no Teatro Nacional, registando enorme concorrencia de publico, a comedia «Chegar a tempo...», tradução do nosso presado camarada Nobre Martins.

— No intervalo do segundo para o terceiro acto da peça «A Raça de Azaral», em scena no Teatro do Gimnasio, o actor-emprezario Erico Braga canta o tango «Ce n'est que votre main», que todas as noites é aplaudidissimo, constituindo mais uma atracção áquela casa de espectaculos, a «boite» melhor frequentada de Lisboa.

— Não se confirma o contracto de Ilda Stichini para a Companhia Amelia Rey Colaço-Robles Monteiro, tendo havido, no entanto, um convite, que aquela declinou.

— A canção «A Desfolhada», que amanhã se estreia no Teatro da Trindade, na revista «Chá de Parreira», é da autoria da Parçaria Musical constituida pelos maestros Wenceslau Pinto, Alves Coelho e Raul Portela, sendo o resto da partitura do professor Frederico de Freitas.

"Sol de Portugal"

Reaparece amanhã, no Variedades, a gloriosa revista "Sol de Portugal", completamente refundida e ampliada com os novos quadros "Feira de Amostras" e "Distracções". O elenco da nova companhia é formidavel, abrangendo todos os elementos indispensaveis ao exito de uma revista.

A Empresa Artur Emauz inaugura a época de inverno do popular teatro do Parque Mayer com espectaculos por sessões, a preços populares, mantendo as regalias que sempre dispensou aos frequentadores do Foz.

no São Luiz
JUJIRO
a obra prima do cinema japonez

POR TERRAS DE AFRICA

As estrelas da saudade

que ao coração falam

e que os nossos olhos

demoradamente fitam

— Eh dorminhôco!... Levanta-te, que temos a Madeira á vista.

Era o companheiro de beliche, que acordava. Estremunhado, não sinto o movimento do navio nem ouço o ruido da maquina. Subo ao convés. Poucas vezes a minha vista tem sido surpreendida com tanta beleza, como então. A pequena distancia do navio parado, a graciosa cidade do Funchal despertava, com tremulações de luz, naquela manhã azul, duma suavidade imensa. A vista encantada, como que sentia pujar a vida naquela encosta da ilha, que, abundante em casinhas brancas por entre tufos de verdura, levemente subia, até atingir, em cima, o azul vivo do ceu, como que desejosa que do mar a vissem e fôsse bem admirada aquela paisagem linda, em todos os detalhes e como a sua deslumbrante e atraente beleza. Porém o encanto pouco tempo durou. Ao fim da tarde, quasi noite, depois dos três apitos da ordem, o vapor novamente se põe em movimento, barulhento e a vomitar fumo, em direcção á Africa.

Depois da formosa ilha, que com tanto deleite vimos, o vapor balanceava agora, sereno e lento, em direcção a S. Tomé. Mar monotono, sem terras á vista, nem sensações que interessassem. Só as baleias, de dia, aqui e além mostravam o volumoso corpo á superficie da agua. De vez em quando, um ou outro vapor se descortinava, ao longe, deixando á rectabuarda um grande rasto de fumo. Depois, chegando a noitet, só a fosforocencia no caminho espumoso, que o vapor abria, e em cima o ceu soberbo, com miriades de estrelas, atraíam a nossa atenção. E até que chegou o vapor á ilha de S. Tomé, perola engastada naquele mar branco, escuro, sem agitação, oleoso e que dava, ás vezes, a impressão dum enormissimo lago. Uma noite passada a bordo, com o navio parado, por tanta carga e descarga que havia a fazer. Quando no dia seguinte acordei, já ele se movia, donairoso e esperto, em direcção a Loanda. Mais uma vez o mar, só o mar e o infinito ceu. Mas em breve atingimos a costa ocidental da Africa. Numa noite escura, sem lua, alguem no convés anuncia:

— Angola!... Angola além!... Deve ser Loanda; já se vêem luzes.

Era realmente Loanda, onde desembarquei e onde passei dois dias. Depois de Loanda, o tempo uma noite toldou-se. Pela primeira vez, naquela jornada, desde Lisboa, o ceu encobriu com nuvens negras o brilho das suas estrelas. Ar de trovoada. E assim foi. Não tardou que os primeiros estrondos rolassem, ao longe, num sussurro arrastado e a que, em breve tempo, outros trovões respondiam, mais fortes, mais proximos, mais prolongados, e que faziam estremecer o ar, apavoradamente e com um furor de tragedia.

Acompanhando os estrondos, relampagos vivissimos, dum e doutro lado fuzilam. Ao mesmo tempo que esclareciam, em cima, a forma bizarra das nuvens, reverberavam, cá em baixo, na agua alterosa do mar, dando momentaneamente a impressão de que nos achavamos perdidos num grande deserto em chamas. Porém, quando chegamos ao Lobito, já o tempo se mostrava outra vez tranquilo e duma amenidade calma. Já muito depois de me ter sido indicada a direcção, onde devia terminar a costa de Angola, o mar começou a aparecer picado. Quanto o vapor mais para o sul avançava, mais o oceano se agitava, proceloso e tôrvo. Sob a pressão dum vento forte, ondas avolumavam, rugiam, espumavam e iam quebrar-se, com violencia, no costado do vapor. Obedecendo ao enjôo, os passageiros procuravam o alivio na cama dos beliches. E aí, ainda que o balanço parecesse mais suave, enervava o ranger forte do cavername, que parecia desconjuntar-se. E, ainda dos beliches, via-se a agua a formar as ondas, lá ao longe, para em seguida avançarem, cada vez mais alterosas, até se expargirem com ruido no vidro das vigias. Foi com o mar agitado, ainda que mais brando, que a cidade do Cabo se mostrou á nossa vista. Depois da tormenta, soube-nos bem o desembarque e os frutos da civilização que, naquela linda cidade, fômos encontrar. Um dia de demora. Na noite curta desse dia, mais uma vez o silvo roupo do vapor nos chamou ao embarque. Quando entrei, já os guindastes, junto ao vapor, tinham terminado a tarefa. Depois, aquele momento inconfundivel de levantar ferro, e eis-nos novamente de abalada. Horas depois, já o navio navegava com rumo ao norte, em pleno Indico. No dia seguinte, e nalguns que se seguiram até Lonrenço Marques, o vapor seguia tão proximo da costa que, á vista desarmada, por vezes, se distinguiam as palhotas, as arvores e até os pretos, na sua labuta e na faina dos campos. Na noite que precedeu a manhã da chegada do vapor a esta cidade presenciei, pela primeira vez, o espectaculo surpreendente do nascer do sol em pleno mar.

Anunciou-se primeiro por uma claridade branda, que poisava como um beijo na agua, ao mesmo tempo que criava sonhos na minha fantasia. A luz intensifica-se, o mar reconhecido recebe-a, e o sol fulgoroso surge. Depois, feerico, volumoso, afogueado e livre, o globo incandescente pouco a pouco sóbe até achar-se triunfante acima do mar imenso para que, descoberto, nele podesse estender mais á vontade o manto luminoso da sua fulgurante luz.

* * *

Desembarque em Lourenço Marques, para as apresentações. Ruas largas, movimento, estabelecimentos comerciais como na Europa e excelentes edificios. Deixava agradavel impressão a sombra amena, duma doce tepidez, que caía da ramagem dos eucaliptos que, altos e purificadores do ar, orlavam as avenidas. Três dias de demora, e mais um embarque, o ultimo. Já longe da costa, o vapor, como que cançado, pacientemente resistia ao mar em escamas, alterado e que novamente parecia revoltar-se. Lá ao longe, muito longe, via-se, para o nascente, o ceu limpido e distante que devia cobi Madagascar. E até que, uma manhã, o meu companheiro folgazão do beliche mais uma vez me acorda. Imitando a voz roufenha dos empregados dos caminhos de ferro de Espanha, demoradamente avisa:

— Moçambique!... Os senhores passageiros, que vêm para o norte, tenham a bondade de desembarcar.

E desembarcámos enfim, pela ultima vez. E' que acabava, naquele momento, a longa viagem por mar. De tarde, quando já o vigor do sol abrandava, pachorrentamente, sem pressa, percorri a pequena ilha. A cidade impõe-se mais pela historia, que melancolicamente evoca, do que por belezas que provoquem a admiração. Num extremo, uma fortaleza sombria, pesada, onde degredados cumprem penas; no outro extremo, um pequena cemiterio, circundado dum muro alvisimo, e onde os que sofreram eternamente descançam. No dia seguinte, pouco mais vi. Durante a torreira do sol, os seus raios, caindo na cal muito viva dos predios, feria, por vezes, fortemente a vista. E foi na tarde desse dia, junto ç casa Offmann, que pela primeira vez me entendi com pretos. Tendo sido procurado pelo preto, já idoso, que no dia seguinte me devia conduzir á baía do Mocambo, no escaler do Govêrno, ao informá-lo de que queria partir cedo, ele, de sorriso largo, invocdor de gorgeta, gentilmente concorda:

— Ser bom, sior, ser bom. Quando galinha canta é bom partir.

E na verdade, quando, ainda escuro, os galos já cantavam ao desafio no bairro indigena, dirigia-me ao caes, e no pequeno escaler a vapor embarquei. Esmorecia no ceu a luz das estrêlas. E quando, já longe, o escaler entrava, com um ligeiro rumor, na ampla baía, a claridade da aurora, mais rapida que na Europa, permitia-me distinguir a costa agreste, com as suas palmeiras e o seu extenso mangal.

— A Mochelia, onde fica a Mochelia?... — preguntei, ansioso.

— Além, sior, além...

E o preto, judante do escaler, de braço estendido, indicou-me um monte, que se destacava do matagal denso. Parecia coroado por um pequeno ponto branco que, pela distancia, mal se enxergava ao longe. Porém, durante o desabrochar rapido daquela manhã suave, em breve se delineava, nitido, o quartel onde havia de passar dois anos. Já a encosta do monte, banhada de claridade, se mostrava verdejante e com todos os detalhes. Pretos acudiram a cima, á linha de cumiada, e em grupos bservavam, com curiosidade, o escaler que chegava. Esperava-me na praia um unico branco: o primeiro argento. Todo os outros, oficiais e sargentos, que a companhia tinha, achavam-se destacados. Com o primeiro sargento subi a encosta, enquanto pretos civis, com grandes reverencias, saudavam «m'cunha» capitão que chegava. Ainda, nesse dia, percorri a povoação indigena e fui vêr a mesquita do Maráve, preto astuto, traiçoeiro, que bastante deu que fazer aos portugueses. E ainda no mesmo dia recebi a visita do regulo da região e do seu ajudante. Como era costume o «saguáte» — principal motivo da visita — mandei comprar num monhé alguns metros de pano com que os despedi. Chegou a noite; e a minha alma pareceu encher-se tambem de trevas. Naquele isolamento, em que agora me via, Portugal com as suas belezas, lá longe, tão distante, parecia-me fulgurar num quadro que eu queria alcançar, mas não podia. Todo o meu pensamento, bsorvido pela saudade, a que não podia resistir, retrocedia para o passado, sem preocupação pelo futuro. Tarde me deitei. Na pequena avenida, orlada de bananeiras, junto ao quartel, durante muito tempo passeei e pensei. Chegava-me aos ouvidos, aguçando-me mais a tristeza, o som monotono de marimbas,, que os pretos tocavam, em baixo, na povoação macúa. Olhei para o ceu. Que constelações tão lindas, diferentes das que se vêem na Europa, e com tanto brilho!... Mas, pouco a pouco, os meus olhos procuram as estrêlas que luziam mais longe, logo acima do horizonte, nas constelações do norte. E vejo-as então avidamente, com amor, como se olhasse Deus. E' que estas viam-se tambem de Portugal, do meu país risonho e que ficava tão distante. Eram as estrêlas da saudade, que ao coração falam e que os nossos olhos mais demoradamente fitam.

... ...

Dois dias depois, em pleno dia, uma comprida coluna de fumo corria lá longe, no mar, paralelamente á costa. Era o *Luzitania*, em que eu tinha ido, que regressava a Portugal. Todo o meu coração estremece, e a saudade aviva-se. «Adeus... adeus... adeus!...» — lhe bradei com o pensamento. — O fumo, pouco a pouco, se some, e até que de todo desaparece. Só tenho agora á minha frente o espesso mangal, o imenso mar e o infinito ceu. E então, prostrado e como se aquela coluna de fogo me sufocasse, deixei que os olhos, obedecendo ao coração, não hesitassem mais e se humedecessem á vontade.

PAES MAMEDE

SALÃO JANSEN

HOJE: Fados—duetos

Por **Ercilia Costa**, voz cristalina e sentimental, que será acompanhada pelo ***grande Solista* MATA GONÇALVES** e pelo eximio guitarrista **MARCOLINO VIEGAS**.
Hoje, a notavel coupletista **Paquita Blanco**.
Brevemente **Leonor Fialho** e **Renato Varela**.
Grande Orquestra-Jazz. Serviço de Restaurant—Bar—Café—Cervejaria.
Entrada livre com admissão reservada.

Salão Jansen — Todas as noites variedades. Reservam-se mesas

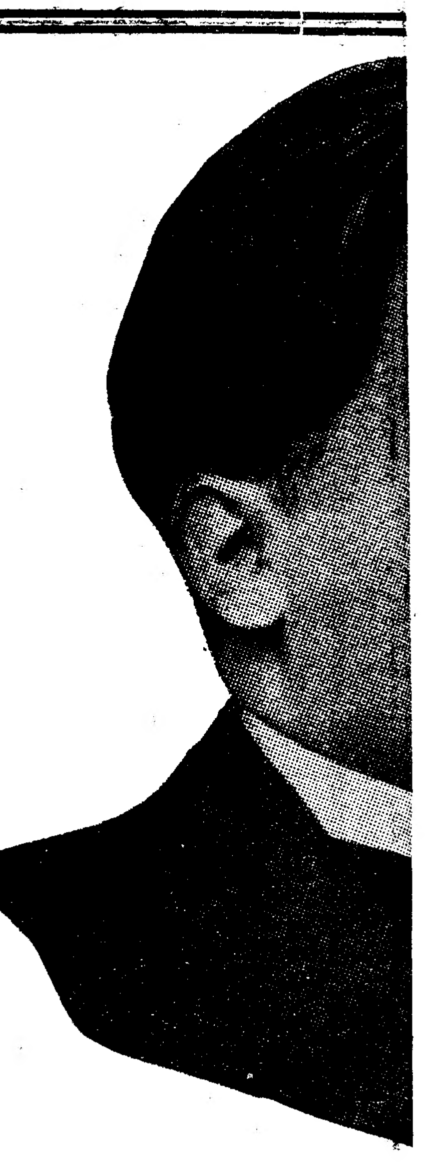
LELLO PORTELA
JOSÉ DE FIGUEIREDO
ADVOGADOS
Tratam de todos os assuntos forenses em qualquer instancia ou tribunal.
Rua Nova da Trindade, n.º 9, 2.º
Telef. 995 T.

OLIMPIA CLUB
Hermanas
ROBI—MORE
INSIGNES BAILARINAS
Que pela 1.ª vez trabalham em Portugal
Na Taverne: Fados per eximios cantadores

Dr. José de Padua
Retomou a clinica
Medicina, coração, pulmões Raios X
Electricidade medica
Praça dos Restauradores, 65, 2.º, Esq.
Telef.: Consultorio N. 4112
Residencia N. 5099.

UM GRANDE DEMOCRATA

Foram decretados funerais nacionais ao antigo Presidente da Republica sr. dr. Antonio José d'Almeida



Antonio José d'Almeida tal qual era no
na evocação da sua epoc

O homem que hoje, ás dua
gou á morte o soberbo despo
sempre bela, disse antes de exp
—«Poucos minutos me re
não catolico. Morro sem odios.
gos, porque morro inteiramen
ciencia».

A vida do tribuno, cuja v
ate á adoração da Republica qu
limpida e serena, como uma
ção se amacia na praia, beijand

Antonio José de Almeida,
deslumbramento, uma esperan
minosa, ardente e impetuosa
suia, no seu coração, o amôr e
que para poder condenar é n
levaram tanto além a magnar
ofensas recebidas...

Que exemplo a constancia
durante anos, fez face ao so
mostrar e espalhando ainda, n
que eram, para tantos que e
samo!

A Republica que criou e
premio que não fôsse dedicar
sua morte, porque se, enquanto
a sua fé flamejaram na ara dos
hora derradeira prova-nos que
rou foi a maior conquista e a
O tribuno engrandece-se no
brilha para aquém e para além

Foi uma morte grandiosa. Morrem assim os santos e os herois. No quarto pequenino, através das janelas cerradas, sentia-se o silencio da noite. Mas não havia frio. E' que a alma do paladino, brazeiro de sonho, erguia-se agora, desprendendo-se da vida, numa chama alta e deslumbrante, aquecendo os que por ele já choravam. Estavam todos: a filhita, olhos de mocidade, negros e alegres, rasos de agua; a esposa, sombra comovida e convulsa de dôr; o irmão, o mais irmão de todos os irmãos, reflexo da sua bondade, fisionomia macerada de dedicação.

Sabia que ia morrer. Que na noite breve, viria a paz e o esquecimento. Mexeu-se no leito. A sua cabeça branca, alabastro de modelada ternura, foi ditando aos seus, o que não quiz escrever: o testamento. E era a filha que o preocupava. As suas palavras, que tinham retumbado em coleras sagradas ou caído como petalas de piedade sôbre as feridas da Patria, tinham agora um éco mais dôce. Prolongavam-se. Não tinha mêdo de morrer, porque sabia que fôra bom. No instante supremo, tocando o coração, nem um ressentimento, nem uma magoa.

Quizeram os medicos que ele descansasse. Iludi-lo, talvez: «uma crise como tantas». Mas ele, o unico que não chorava, que sofria a dôr terrivel da agonia, sequiosa sôbre o seu pobre corpo descarnado, repelia os conselhos. E, de novo, encarando os seus, rojados aos pés do leito, tornava a falar como se o caminho da morte ainda fôsse o da vida, e tivesse muito que dizer.

Pior, muito pior.

Na arca do peito, o coração teve uma duvida. Palpitou ainda, tremulamente, como a aza que o vôo cansa. No silencio, uma pausa. Levantou as mãos, e, quando elas se erguiam, numa benção, a morte varou-as, no gesto desenhado, abertas e largas, sôbre a lividez do leito.

Então, todos se olharam, no fundo dos olhos, e tiveram mêdo. Não queriam acreditar que o drama tivesse terminado. A noite estava intacta, mas faltava-lhe uma alma. Romperam a chorar sôbre o cadaver. Loucamente afagavam-lhe os cabelos brancos, beijavam-lhe a boca profetica e sagrada, que doirara de beleza os mais altos simbolos da consciencia humana; enquanto a filhita, afagando-lhe as mãos, procurava despertá-las num ultimo gesto de carinho. Impossivel!

Foi a dormir que esta manhã o encontrámos num quarto, nú de riqueza, que é a melhor imagem da sua existencia. As grandes ideias dão santos. Se o não foi Antonio José de Almeida, ficará, pelo menos, na nossa saudade comovida, como um apostolo — o mais alto e sincero apostolo da Republica.

Na camara mortuaria

O palacete da Avenida Antonio Augusto de Aguiar está envolto num grande silencio. A porta da rua está fechada, como fechadas estão as janelas. Uma grande fila de automoveis. Constantemente chegam nomes conhecidos. Politicos, militares, estudantes, jornalistas e muita gente humilde. Não ha excepções. Toda a gente entra. Lá dentro, no *hall*, em cima de duas mesas, amontoam-se os telegramas e os cartões. Entra o sr. dr. Domingos Pereira, lagrimas nos olhos, acompanhado da esposa. O sr. Pereira da Rosa, que em seu nome e no do *Seculo*, apresenta pesames ao sr. dr. Francisco de Almeida. O sr. dr. Costa Ferreira, titular da pasta da Instrução, apresenta tambem condolencias. E' primeiro ministro que chega. Logo, o sr. Embaixador do Brasil e o representante de Cuba, que declara aos jornalistas:

— «Considero este dia de luto para o meu país».

Não pára a romagem, de veneração. O dr. Germano Martins, o sr. Mesquita Guimarães, o capitão sr. Osvaldo de Andradé, representando o sr. coronel Fernando Freiria; Carlos Pimentel, que representa o sr. dr. Duarte Leite; capitão Barros Queiroz, etc. São muitas centenas de pessoas que, piedosamente, se dirigem á camara ardente. Num pequeno leito de mogno, já vestido, mas recoberto com um lençol, e sôbre ele, lindos crisantemos brancos, está o que em vida se chamou Antonio José de Almeida. Ao lado, uma banca de cabeceira, vê-se uma lampada electrica, velada; um termometro e um pequeno espelho de mão. A' rola, velando o cadaver, senhoras de familia, e a filha do extinto, chorando constantemente. O dr. Celorico Gil beija compungido a testa do morto.

Mais gente. As salas estão cheias. Impossivel andar, rasgar aquela multidão que, anciosamente procura vêr o cadaver. Mais telegramas. Alguns vêm de longe: governador civil da Guarda; dr. João Camoezas e esposa; dr. Conceição Silva Junior; pessoal telegrafo postal de Evora, etc. Contam-se ás centenas, assim como os cartões.

Pela tarde, o cadaver já dentro da urna, foi transportado do primeiro andar para o rez-do-chão, ficando exposto ao publico na sala da biblioteca.

* * *

A' tarde, milhares de pessoas fôram a casa do extinto. Entre elas lembranos ter visto: os srs. generais Roberto Baptista, José Justino Teixeira Botelho e Adriano de Sá, mr. H. J. Shepherd, Joaquim Pereira Gil de Matos, dr. Afonso de Melo, Simões de Sampaio, escrivão Adelino Augusto, juiz Almeida Ribeiro, dr. Weiss Oliveira, dr. Armando Navarro, José Sarmento, Carlos de Oliveira, membro do conselho de administração de *O Seculo;* dr. Antonio da Fonseca, Carlos Manuel Teixeira Malheiros, major Eduardo Martins Fonseca, dr. Oliveira Valente, Francisco Antonio Correia, engenheiro Eduardo Valerio Villaça, dr. Fernando de Castro, major Velhinho Correia, Francisco Marques Ribeiro, Daniel Queiroz dos Santos, coronel Francisco Antonio Baptista, escultor Costa Marques, Bourbon e Menezes, dr. Rodolfo Xavier da Silva, Manuel Freire da Cruz, dr. Augusto de Vasconcelos, dr. José Sobral Cid, capitão Antonio Rodrigues Alves, coronel Fragoso Ribeiro, Visconde de S. Bartolomeu de Messines, coronel Eugenio Carlos Mardel Ferreira, vice-presidente da Camara Municipal de Lisboa; dr. Cupertino Andrade, José Meireles, Manuel Roque da Silva, Carlos Leal, coronel Julio Augusto Aguiar Junior, capitão de mar e guerra Felipe Carlos Dias de Carvalho, Antonio Horta e Costa, Ribeiro de Carvalho, coronel Antonio Augusto Dias Antunes, José Pais Borges, comandante D. Antonio Tapia, adido militar espanhol, Luís Avilés y Tiscar e Manuel Llopis de Carades, respectivamente encarregado dos negocios e secretario da Embaixada de Espanha; João Estevam Aguas, A. Ferreira de Freitas, tenente-coronel Alberto David Branquinho, coronel Bandeira de Lima, dr. Augusto Matos Cid, comandante e oficiais do regimento de Caçadores 7, etc., etc.

Um grande vulto da Republica

E' com a mais profunda veneração que me associo ás homenagens prestadas ao grande republicano e patriota insigne que foi o dr. Antonio José de Almeida.

A sua grandeza de alma, proverbial bondade e nobre espirito de isenção constituem a mais fulgente aureola que tem cercado um grande vulto da Republica.

Artur Ivens Ferraz
Presidente do Ministerio e ministro do Interior

Escola de civismo

«Mocidade iluminada por uma fé intensa — a luta, o carcere, a perseguição —, vida vibrante de propaganda dum ideal nobilissimo, sacrificio permanente duma existencia á causa publica, bondade derramada a jôrros, talento fulgurante, paixão, alma purissima, eis, em sintese rápida no momento de amargura que me domina, o que posso dizer em memoria do homem que venerei num convivio intimo, que foi escola de civismo».

Armando da Costa Ferreira
Ministro da Instrução Publica

Antonio José de Almeida no Brasil

Eis o que nos disse, verbalmente, o sr. dr. João de Barros, que acompanhou ao Brasil o antigo Chefe do Estado:

«No Brasil, Antonio José de Almeida não foi apenas a voz eloquente da Democracia Portuguesa, idealista, tolerante, forte na sua generosidade, generoso na sua fôrça. Foi a propria voz da Patria, levando a essa grande Patria Brasileira — nosso coração — o afecto fraterno de todos nós. Por isso, a sua palavra era tão ardente e sugestiva, e desencadeava — não ha outro termo mais justo — o entusiasmo de todos quantos o escutavam. A viagem de Antonio José de Almeida ao Brasil constituiu — pelo formidavel triunfo pessoal do grande republicano—a primeira «étape» vencida da aliança luso-brasileira, que já se desenha para um futuro proximo. Entre tantos e tão enormes serviços prestados á Republica e a Portugal por este cidadão exemplar, a sua ida ao Rio de Janeiro é um dos maiores — digno da alma nobilissima e da inteligencia harmonica do orador inesquecivel».

JOÃO DE BARROS

Um grande exemplo

Recordo nesta hora dolorosa a chegada de Antonio José de Almeida, de S. Tomé. Para mim e para os meus camaradas, estudantes desse tempo, a volta a Portugal do estudante altivo que escrevera a *Desafronta*, do caudilho da geração de noventa, do homem que deixara entre os seus contemporaneos uma tradição de altivez e de desassombro incomparaveis—foi como a chegada dum Messias, nuncio da Boa-Nova.

E, na verdade, a grande figura desaparecida, foi o Apostolo em tôrno do qual a alma nacional se congregou para fazer a Republica! E' preciso não teravel pelo seu ideal, e a sua nobre o esquecer — e a sua Fé, e o amor inale grande confiança romantica.

E' preciso tomá-lo como exemplo. Será a melhor maneira de o chorarmos».

RAMADA CURTO

A bondade do medico

O sr. Henrique Monteiro de Mendonça, colonial distintissimo e pessoa que de perto privou com o dr. Antonio José de Almeida em S. Tomé diz o seguinte:

«Esta minha homenagem não tem nem pode

po da propaganda, e como o povo o vê
oriosa de aura popular

oras e meia da manhã, entre-
da sua alma, sempre nobre e
r:
n de vida. Morro cristão, mas
perdôo a todos os meus inimi-
em paz com a minha cons-

agitou e ergueu as multidões
e avisinhava, terminou assim,
a cuja larga e altiva ondula-
e abraçando as areias.
e foi uma força poderosa, um
um sôpro de fogo—a mais lu-
quencia da nossa epoca—pos-
ernura dos que compreendem
ssario saber perdoar. E raros
idade, a isenção, perante as

a resignação estoica com que,
nento, tragando-o para o não
eio das suas agruras, palavras
sitavam, uma lição e um bal-

viu, sem tomar para si outro
por ela, engrandece-se com a
veu e lutou, a sua coragem e
crificios, a pacificação da sua
dôr longa e cruel que o tortu-
ais pura da sua humanidade.
nem e no homem a virtude
a morte.

er nenhum caractr politico, pois nem de perto
em de longe acompanhei a vida politica do
r. Antonio José de Almeida, como sabem to-
os os que me conhecem.
Não posso no entanto ocultar, e sinceramente
faço, que o dr. Antonio José de Almeida foi
as almas mais bondosas que conheci na
inha longa vida colonial. Fazia o bem na-
uralmente, sem disso se aperceber.
Em S. Tomé era o pai dos pobres, uma es-
ecie de João Semana, tão carinhoso como
roficiente. Fornecia do seu bolso medica-
nentos, e chegou a pagar passagens a em-
regados de comercio, que precisavam regressar
Metropole. Lembro-me tambem do caso do
Visconde de Malanza, que tendo pedido ao dr.
ntonio José de Almeida para ir ao sul da
lha ver um doente, que o medico salvou, lhe
ntregou uma avultada soma que o dr. An-
onio José de Almeida recusou, limitando-se
querer receber pela tabela, visitas a dez tos-
ões por dia.

Foi medico da minha casa e das minhas propriedades em S. Tomé. Ali, de perto, avaliei a grandeza do seu coração e os seus sentimentos de bondade, sem macula.

Por este aspecto, unico porque eu encaro a sua vida, foi um exemplarissimo cidadão e um medico prestantissimo.

Henrique Monteiro de Mendonça

UM GRANDE DEMOCRATA

Na camara ardente

desfilaram esta tarde

alguns milhares de pessoas

de todas as categorias sociais

Conselho de Ministros

Por motivo da morte do dr. Antonio José de Almeida foi convocada para esta manhã a reunião extraordinaria do Conselho de Ministros. O falecimento do antigo Presidente da Republica foi comunicado oficialmente pelo sr. presidente do Ministerio, general Ivens Ferraz.

Findo o Conselho, foi fornecida á imprensa a seguinte nota oficiosa:

«O Conselho de Ministros reuniu extraordinariamente hoje tendo resolvido prestar as mesmas honras funebres ao sr. dr. Antonio José d'Almeida que foram prestadas ao antigo Presidente dr. Manuel d'Arriaga e assim terá funerais nacionais e honras militares que são devidas a alta categoria de Chefe de Estado.»

* * *

Foi tambem fornecido o texto do decreto, enviado imediatamente para o *Diario do Governo:*

«Tendo ocorrido o falecimento do cidadão Antonio José d'Almeida, que exerceu as funções de Presidente da Republica;

Usando da faculdade que me confere o n.º 2 do art. 2.º do decreto 12.740 de 26 de Novembro de 1926;

por força do disposto no art. 1.º do decreto 15.331 de 9 de Abril de 1928;

sob proposta dos ministros de todas as repartições:

Hei por bem decretar, para valer como lei, o seguinte:

Artigo 1.º Os funerais do cidadão Antonio José d'Almeida serão feitas pelo Estado.

Art. 2.º Nestes funerais serão prestadas honras militares pelas forças de Terra e Mar, da guarnição de Lisboa.

Parag. unico. Uma bataria de artilharia dará junto do cemiterio uma salva de 21 tiros.

Art. 3.º Este decreto entra imediatamente em vigor e revoga as disposições em contrario.»

(Assinaturas do Presidente da Repuca e de todos os Ministros.)

No gabinete de trabalho

A's 14 horas, realizou-se a trasladação do corpo, do quarto para o gabinete de trabalho, tendo a urna sido conduzida por alguns amigos pessoais e politicos do saudoso democrata.

O gabinete foi armado em camara ardente, tendo velado o cadaver, durante toda a tarde, numerosas pessoas, vendo-se entre elas muitas senhoras.

O Govêrno

Além do sr. ministro da Instrução, estiveram no palacete de S. Sebastião da Pedreira, a apresentar os seus pesames, tendo velado o corpo, durante algum tempo, os srs. ministros da Marinha e dos Estrangeiros.

Pouco depois das 14 horas, chegou o sr. general Ivens Ferraz, chefe do Govêrno e ministro do Interior.

E mais tarde, esteve a apresentar condolencias, em nome do sr. Presidente da Republica, o seu ajudante, sr. comandante Pedroso de Lima.

A's 15 horas, chegou o sr. ministro das Finanças, que se demorou alguns minutos junto do corpo.

Funerais nacionais

Ainda não está marcado, ao certo, o dia do funeral, que será organizado pela Agencia Barata.

O Govêrno, que combinará com a familia do ilustre extinto a data e a hora do entêrro, fará ao sr. dr. Antonio José de Almeida, como dizemos acima, funerais nacionais.

O corpo será exposto na Camara Municipal, a fim de que o povo de Lisboa possa prestar a ultima homenagem ao venerando republicano, parecendo que ha, da parte do Govêrno, a intenção de o depositar nos Jeronimos, como preito nacional ao homem que tão altos e assinalados serviços prestou, não só ao regime, mas ao país.

Um telegrama sentido

Entre os milhares de telegramas e cartas recebidos, conta-se este, vindo do asilo de velhos de Alcobça:

«Perda nacional. Sentidos pesames. — *Asilado*».

Não ha testamento

Osr. dr. Antonio José de Almeida não deixou qualquer disposição testamentaria. Limitou-se a dizer a sua esposa, quando sentiu que a morte se aproximava:

— Olha pela nossa filha. E tu já sabes o que tens a fazer.

O «Diario de Lisboa»

O nosso director, sr. dr. Joaquim Manso, esteve esta tarde em casa do sr. dr. Antonio José de Almeida a apresentar, pessoalmente, á ilustre viuva, á filha e ao irmão do venerando extinto, os pesames do *Diario de Lisboa*. Estiveram tambem ali a deixar os seus cartões os srs. Pedro Bordallo Pinheiro e Alfredo Vieira Pinto, do Conselho de Administração deste jornal, o nosso redactor principal Norberto de Araujo, e os nossos redactores Artur Portela, Carlos Ferrão, Norberto Lopes, Mauricio de Oliveira e Santos Jorge.

O enterro será civil

Não tendo o sr. dr. Antonio José de Almeida determinado qual o caracter do seu funeral, a familia decidiu que ele fôsse civil.

O chefe do gabinete do sr. presidente do Ministerio, irá hoje a casa da familia do antigo Chefe do Estado, a fim de se combinar o dia e a hora do funeral.

A' hora a que fechamos o nosso jornal estão velando o corpo numerosos amigos, entre os quais, os srs. dr. Ribeiro de Carvalho, Manuel Serras, dr. João de Barros, general Vieira da Rocha, tenente-coronel Freire e Zacarias Gomes de Lima.

Notas varias

O sr. comandante Jaime Atias, secretario geral da Presidencia da Republica, que nesta qualidade acompanhou o sr. dr. Antonio José de Almeida, na sua viagem ao Brasil, enviou o seguinte telegrama:

«Muito dolorosamente surpreendido pela tristissima noticia, apresso-me com a mais viva comoção em significar a V. Ex.ª e a sua ilustre familia o meu profundo pesar, pedindo licença para, de todo o coração, tomar sincera parte na enorme dôr que a todos nos aflige.»

Entre centenares de telegramas recebidos, figuram os seguintes: Boletineiros do Telegrafo do Porto, Partido Republicano Português de Alcobaça, Orfanato Escola Santa Isabel, Centro Mendes Cabeçadas, de Loulé, etc.

* * *

Os funerais do antigo Chefe do Estado, e eminente cidadão, devem realizar-se no sabado ou, talvez, no domingo.

No dia do funeral, se fôr no sabado, haverá tolerancia de ponto, comparecendo no funeral todos os membros do Governo.

O Governo ordenou que em todos os edificios do Estado, quarteis e navios de guerra, a bandeira nacional se conserve a meia haste.

* * *

O cadaver do ilustre republicano foi velado durante o dia por sua filha e algumas senhoras.

A sr.ª D. Maria Joana Queiroga d'Almeida, momentos a momentos dava entrada no quarto onde por instantes contemplava o seu adorado esposo.

* * *

Sobre o leito mortuario via-se um ramo de cravos oferecido pelo sr. dr. Simões Raposo, grande amigo do antigo Chefe de Estado.

* * *

As alunas da Escola Normal Primaria, logo que terminaram as aulas, desfilaram perante o cadaver.

* * *

Um grupo de estudantes republicanos da Faculdade de Direito de Lisboa convida a Academia a incorporar-se nos funerais do sr. dr. Antonio José d'Almeida.

* * *

O sr. dr. Antonio José de Almeida foi vitima duma nevralgia circular no tronco, *zona*, tendo assistido á sua morte os clinicos drs. Morais Sarmento e Carvela.

Centro Escolar Redublicano Dr. Antonio José d'Almeida

A direcção, em sua reunião extraordinaria, deliberou exarar na acta um voto de sentimento pelo falecimento do seu prestigioso patrono, deliberando ainda encorporar-se no funeral e convidar os seus consocios a acompanha-la nesta derradeira homenagem ao homem que foi a mais fiel encarnação do patriota e do republicano indefectivel.

Juntas de Freguesia

O Conselho Central, convida todos os membros das Juntas de Freguezia e o Povo de Lisboa, a prestar a derradeira homenagem ao que foi ilustre cidadão, eminente Republicano e Chefe do Estado Dr. Antonio José d'Almeida, por ocasião do seu funeral, ás horas que fôr anunciado.

* * *

Tambem a Direcção Central do Gremio Livre dos Funcionarios Republicanos, reunida xtraordinariamente, resolveu lançar na acta um voto de profundo pesar pela perda irreparavel do grande vulto Dr. Antonio José d'Almeida, convidar os seus associados a incorporarem-se no funeral, depôr um ramo de flores sobre o ataúde.

CARTAZ

TEATROS

Nacional—A's 21,30—«Chegar a tempo...»
Ginasio—A's 21,30—«A raça de Azaral».
Apolo — As 21,30 — «O pai de todos».
Variedades—A's 20,30 e 22,30—«Chá de Parreira».

ANIMATOGRAFOS

São Luiz Cine—A's 21.
Odeon—A's 21.
Olimpia—Das 14,30 ás 0,30.
Cinema Condes—A's 21.
Tivoli—A's 21.
Central Cinema—A's 21.
Salão Ideal—A's 20,30.
Max Cine, Rua Barão de Sabrosa (ao Alto do Pina).—A's 20,30.

NACIONAL Telef. N. 3049
HOJE—ás 21,30
Companhia Ester Leão-Alexandre de Azevedo
A mais sensacional e soberba comedia
Chegar a tempo...

HOJE despedida do
TEATRO VARIEDADES
DUAS SESSÕES A's 20,30 e 22,30
Ultima noite neste teatro com
CHA DE PARREIRA

TEATRO APOLO
HOJE — A's 21,30 — HOJE
Companhia Adelina-Aura Abranches
Ultimas representações da hilariante e engraçadissima comedia
O Pai de todos

KLEIN aber FREUNDLICH ist die
DEUTSCHE BIERSTUBE
in der Rua das Pretas 9 und 11
Bitte, besuchen Sie mich
Hermann Krippahl.

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

AVISO AO PUBLICO

Atracação de navios ás pontes fluviais das estações de Lisboa-Cais dos Soldados e Barreiro

A fim de se evitarem duvidas na interpretação das condições em que é permitida a atracação de navios ás pontes fluviais das estações da Companhia, faz-se publico:

a) As pontes fluviais das estações de Lisboa-Cais dos Soldados e Barreiro são, principalmente, destinadas ao embarque ou desembarque de mercadorias da Companhia (combustiveis, etc.). No entanto, a Companhia poderá permitir a atracação ás suas pontes, de embarcações que não lhe sejam consignadas reservando-se sempre, não só o direito de preferencia na inscrição de navios a atracar, mas tambem o de, com o prévio aviso de 24 horas ao capitão do barco respectivo tomar o lugar de qualquer barco que se ache atracado. Neste caso, a Companhia reembolsará os direitos de atracação que haja cobrado, salvo quando o capitão do barco em questão prefira reservar-se o direito de atracar de novo, logo que deixe a ponte o navio que preteriu o seu.

b) Só com sujeição ao prescrito em *a)* a Companhia permitirá a atracação de navios a qualquer das pontes fluviais. Quando o permita, a atracação far-se ha por escala, segundo a ordem de recepção das respectivas requisições, as quais devem ser feitas por escrito e apresentadas nos dias e horas uteis desde as 10 ás 17 horas no Serviço do Movimento da Companhia, instalado no 1.º andar do edificio da estação de Lisboa-Cais dos Soldados.

c) As tonelagens a embarcar ou desembarcar, por barco acostado, e que se acham indicadas nos respectivos «Complementos á Tarifa de Despesas Acessórias», são minimos fixados, mas a Companhia não assume o compromisso de fornecer todos os vagões que lhe sejam requisitados para o transporte seguido de tais tonelagens. Deligenciará satisfazer as requisições, mas caso o não possa fazer, estabelecerá um serviço seguido de transportes entre a ponte e os cais da estação respectiva, de maneira a que entre êstes pontos se possam transportar as tonelagens fixadas.

Quando se trate de desembarque de mercadorias a transportar por caminho de ferro, a sua estadia no cais da estação de desembarque «por falta de vagões», não importa pagamento de armazenagem.

Em tudo que não seja contrario ao no presente estipulado, ficam em vigor as taxas e condições dos actuais complementos publicados pela antiga rêde em Novembro de 1922 e pela extinta direcção do Sul e Sueste em Janeiro de 1923.

Lisboa, 22 de Outubro de 1929.

O Director Geral da Companhia
Ferreira de Mesquita

MUNDANISMO

Aniversarios

Fazem amanhã anos as sr.as

Marquesa de Castelo Melhor, D. Maria Moreira Abranches Saturio Pires, D. Francisca Gomes Palma de Travassos Valdez, D. Maria Teresa de Melo e Alvim Ferreira Pinto, D. Joana de Macedo Santos Belo, D. Maria Domingas de Castelo Branco (Pombeiro), D. Maria Luisa de Sequeira Bramão Reis, D. Maria Luisa Freire de Andrade Saldanha Bandeira, D. Emilia Brederode Smith, D. Maria de Jesus de Veloso Holbeche, D. Maria da Gloria Guimarães, D. Maria Amelia Serra, D. Virginia da Fonseca Frazão, D. Maria Ernestina Real da Silva e D. Maria Pacaró Cardoso.

E os srs.

D. José Manuel de Carvajal y Teles Gina (Ximenes y Molina), José Carlos da Palma, Bruno da Cunha Reis, Alvaro Rebelo Valente, José de Sampaio da Cunha Pimentel Pereira Leitão. Armando Queiróga Carvalhal, Eduardo de Almeida Serra, José Souto de Almeida Rainha e José Magalhães Mexia da Costa.

Pontos de reunião

No Cinema Condes

Inaugura-se na proxima terça-feira, 5 de Novembro a época de inverno neste elegante cinema, com um programa verdadeiramente sensacional

Em Cascais

Como prometemos damos em seguida a nota assistencia ás festas de sabado e domingo na «Parada» o aristocratico ponto de reunião da antiga praia da corte:

Condessa das Galveias, condessa de Arnoso e filha, condessa de Castelo Mendo, condessa de Carnide, condessa das Galveias (D. Maria Guiomar), viscondessa de Meyrelles, D. Piedade de Valdez Briffa, D. Conceição do Casal Ribeiro Ulrich, D. Branca de Atouguia Ferreira Pinto Basto, D. Mariana Salema de Avilez e filhas, D. Maria José Vilas Boas Cannas da Costa e Silva e filha, D. Alda Guedes Pinto Machado e filhas, D. Leonor Manuel (Atalaya), D. Maria José Ortigão Burnay de Gusmão, D. Mariana Correia de Sampaio de Seabra e filha, D. Maria da Conceição Pinto de Morais Sarmento Cohen, D. Emilia Alves Arrobas, D. Isabel Fialho de Mendonça, D. Isabel Ortigão Burnay de Almeida Belo, D. Mariana da Camara Pinto Coelho, D. Maria Isabel de Orey Correia de Sampaio e filhas, D. Maria Isabel de Sousa Rego de Campos Henriques e filha, D. Isaura Roquete, D. Carolina de Vasconcelos e Sá, D. Maria de Lourdes de Vasconcelos e Sousa Perestrelo, D. Maria Cohen do Espirito Santo Silva, D. Maria de Figueiredo Cabral da Camara Pereira e filha, D. Amelia Morales de los Rios Leitão, D. Adelaide Pereira da Cruz, D. Gardina Andresen Leitão, D. Maria do Carmo Soares de Albergaria Burnay, D. Isabel Avilez de Sousa Rego, D. Catarina de Vilhena de Sousa Rego, D. Maria Magdalena Sotto Maior Pinto Basto, etc., etc.

Em viagem

Regressou com seus filhos do Grande Hotel de Italia, do Monte Estoril, á sua casa em Lisboa, a sr.ª D. Josefa Machado Contreiras.

—Partiu para o Monte Estoril, com sua esposa, o sr. Conselheiro Manuel Terra Viana.

—Regresou de Paço de Arcos, á sua casa em Torres Vedras, com sua familia, o sr. Luis de Sommer Ribeiro.

—Com sua esposa, regressou do Porto á sua casa em Guimarães o sr. Diniz Santiago.

—Está na sua casa da Bouça Cova, em Gondomar, a sr.ª D. Maria Ludovina Pereira Leitão de Sampaio Pimentel.

Doentes

Encontra-se felizmente quasi restabelecida das contusões que recebeu por ocasião do desastre do automovel de que foi victima, a sr.ª D. Alice Pereira de Carvalho de Brion, esposa do primeiro tenente de marinha, sr. Nuno de Brion

Fazemos sinceros votos pelo seu pronto restabelecimento

—Na Veneravel Ordem Terceira de S. Francisco, foi operada pelo habil cirurgião dr. João Morais Sarmento, a sr.ª D. Julia Vilaça, que se encontra na melhor disposição.

—Está em via de restabelecimento no mesmo hospital a sr.ª D. Sara Augusta Gaspar Ferreira.

Grande Hotel d'Italia Mont'Estoril

ESTORIL
Hotel do Parque

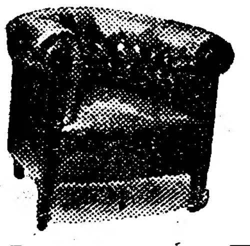
Curandra é o unico remedio garantido contra as uretrites:
Doenças recentes e agudas curam-se radicalmente em 1 a 3 dias; cronicas e com complicações, em 5 a 10 dias.
A pedido indicamos medicos
Representante: Karl Schunck, Rua S. Julião, 72, 2.º, Lisboa.
Depositario: Raul Gama, Rua dos Douradores, 31, Lisboa.
Agente no Porto: Armindo José da Silva, Rua do Almada, 254, 1.º

POLICLINICA DA RUA DO OURO
Entrada: Rua do Carmo, 2.º 98,
Telefone N. 5353
Medicina, coração e pulmões—*Dr. Armando Narciso*—5 h.
Cirurgia geral, operações—*Dr. Fernando V*—4 h.
Rins, vias urinarias—*Dr. Miguel Magalhães*—10 h.
Pele e sifilis—*Dr. Correia de Figueiredo*—12 e 5 h.
Doenças nervosas, electroterapia—*Dr. R. L c*—2 h.
Doenças dos olhos—*Dr. Mario de Mattos*—2 h.
Garganta, nariz e ouvidos—*Dr. Mario Oliveira*—12 h.
Estomago e intestinos—*Dr. Mendes Bello*—3 h.
Utero e anexos e operações—*Dr. Casimiro Afonso*—as 2 h.
Doenças da nutrição—*Dr. A. de Carvalho Dias*—4 horas.
Doenças das crianças—*Dr. Filipe Manso*—12 h
Boca e dentes—*Dr. Armando Lima*—10 h.
Raios X—*Dr. Aleu Saldanha*—4 h.
Analises clinicas—*D. Gabriela Beato* 4 h.

PIANOS

e
Autopianos
Rolos
Musicas
Gramofoneu — Discos
CASA OLIVEIRA — Rocio, 56, 57, 58

NEGRITA
Fino rebuçado, fino bombom, fino doce de bom paladar, para creanças e adultos-combate a tosse, não contem essencia, nem outros produtos prejudiciais á saude, prefiram esta qualidade; vendem-se em todos os bons estabelecimentos tanto de Lisboa como da provincia.
FARIA & ROSA LTD.
R. 1.º de Maio, 2, 4 e 6 — LISBOA
TELEFONE BELEM 365


MAPLES
forrados de pele
veludo e cretones
para todos
os preços.
(Decorações)
no Fabricante
Lopes Falcão
25-A — Rua Luz Soriano — 27, 1.º
(Ao Calhariz) — LISBOA

NAO SOFRAM MAIS DOS PES
Os SAIS «DERMOXA»
curam todos os males dos pés

MELHOR
contra a
TA NSPIRAÇAO
Vendem todas as Farmacias, Drogarias e *Mario Brandão*, Travessa Nova de S. Domingos, 9, 3.º — Lisboa.

MOSAICOS
A maior produção de Portugal — Os de melhor fabrico
GOARMON & C.A
A maior fabrica do país—Escritorio: Travessa do Corpo Santo, 17, 19 e 21. Rua do Corpo Santo, 32—LISBOA. — Azulejos Cimentos — Louças Sanitárias.
OUTROS MATERIAIS DE CONSTRUCÇÃO
Pedir catalogos e preços
Telefone C. 1244

Sortes grandes?
só o PINA as vende
75 — Rua de S. Paulo — 77

CASACOS DE PELES
Não comprem sem vêr o grande sortido na
R. Fanqueiros, 376, 2.°

ESTRANGEIRO

Aula de dança
(Cursos livres)
para senhoras, cavalheiros e crianças
LIGA NAVAL — Largo do Calhariz, 29, prof. Machado, lições reservadas e cursos — preços modicos — Matinées e soirées aos alumnos e Ex.mas familias

O QUE VAI LA' POR FORA

Poeira do Mundo

A crise francesa

PARIS, 31

A noite de ontem para hoje foi marcada por varios incidentes na marcha da crise politica.

Ao mesmo tempo que se anunciava a renuncia de Daladier a formar ministerio, os seus amigos aconselhavam-no a perseverar nas suas diligencias, tanto mais que o sr. Briand considerava que havia entre eles um mal-entendido.

O sr. Montigny anunciava mesmo, mais tarde, que o gabinete seria constituido hoje de manhã, e uma nota era publicada dizendo que o sr. Briand confirmara que assegurava o seu concurso ao sr. Daladier, tendo em vista a constituição dum ministerio de «união republicana», declarava.

Porém, á uma da madrugada, o sr. Daladier tinha formalmente recusado esta formula, que o sr. Briand efectivamente lhe havia apresentado, e que comportava um desenvolvimento da situação para a direita.

O sr. Daladier declarou aos jornalistas:

«Sempre tenho repudiado a ideia dum ministerio de concentração, por consequencia recupero definitivamente a minha liberdade de acção».

Em sessão bastante movimentada, o grupo parlamentar do partido socialista votou por 43 contra 11 votos, uma moção lamentando a resolução tomada pelo conselho nacional, a qual considera contraria ás regras fundamentais e aos verdadeiros interesses do partido e da democracia, e pedindo a convocação para 25 de Dezembro, do congresso nacional do mesmo partido.

O mesmo grupo parlamentar aprovou, por unanimidade, uma segunda moção agradecendo ao sr. Daladier as suas ofertas, que lhe asseguravam uma politica de apoio.

O grupo parlamentar dos radicais-socialistas teve igualmente uma movimentada sessão, apresentando-se pesarosos numerosos dos seus membros, e sublinhando que a falencia da tentativa de união das esquerdas é da responsabilidade exclusiva do partido socialista.

Considerando que a votação de qualquer moção apresentaria inconvenientes, o grupo limitou-se a encarregar o sr. Malvy de exprimir ao sr. Daladier a sua confiança e gratidão.

Briand declarou aos jornalistas, á saida do Eliseu, não ter sido encarregado de qualquer misão, tendo-se limitado a tratar com o presidente Doumergue da situação politica e de varios assuntos correntes.—(L.)

PARIS, 31

Prosseguindo nas suas diligencias, ontem iniciadas, para a organização do novo ministerio francês, o sr. Clementel recebeu os srs. Bienvenue, Martin, Seraut, Chantemps, Cheron e Tardieu.

O sr. Bienvenue garantiu ao sr. Clementel a confiança e o apoio da esquerda democratica do Senado.

O sr. Martin foi interpelado pelos jornalistas, ao sair da residencia do sr. Clementel, declarando que considera as negociações do indigitado chefe de Govêrno como em muito bom caminho.—(L.).

PARIS, 31

Todos os jornais acolhem com particular simpatia o nome do sr. Clementel, independente dos partidos, trabalhador incansavel, conhecendo a fundo todos os problemas nacionais e internacionais de actualidade e possuindo todas as qualidades de um primeiro ministro e unanimes amisades e simpatias.—(H.)

VIDA LITERARIA

O VERBO DE ROSALIA

«Os galegos cultos—diz Martinez Morás, no seu magistral ensaio «A lingua galega»—romperam ha tempo com a tradição linguistica.

Só o vulgo a conserva, mal... E tão mal, que até chegou a esquecer como se rezava em «galego» essa oração fundamental na consciencia de todos os cristãos, a mais humanamente divina de todas: o Padre Nosso. E no entanto, o amor ao tradicional, o culto fervoroso que todos temos pela linha veneravel com que os nossos antepassados, anos atraz de anos, seculo a seculo, o tapete maravilhoso da moderna civilisação, manda-nos não desprezar o idioma proprio; antes guardá-lo e enaltecê-lo, poli-lo e limpá-lo de impurezas, cuidá-lo com o mimo com que se custodia uma joia herdada, ser «como cêra para recolher os seus traços e como mármore para preservá-la,», sustê-lo nas suas horas dificeis, e, «se chega a morrer», embalsamar o seu cadaver.»

Idioma e não dialecto (no sentido depreciativo que vulgarmente se dá á palavra «dialecto», ou dialecto, derivado do latim como o castelhano, o provençal, o francês, o italiano e o romano, o galaico-português seguiu a sua evolução em Portugal, onde é lingua viva, usual e oficial, e paralisou na Galisa, onde só é falado—fragmentariamente — pelas gentes do povo, e só é cultivado—num sentido literario — por minorias entusiastas nas urbes.

O conhecimento e o uso da lingua galega —reconhece Martinez Morás—veiu resttringindo-se do seculo XV para cá, pela preponderancia do castelhano.

Como sucede ao walongo, na Grã- Bretanha, aconteceu ao nosso idioma dentro da região.

Vive, só, a lingua galega, no campo. Mas «muito influenciada e transformada»: muito castelhanisada. Tem a Galiza tido «varios seculos de submissão ao influxo das regiões espanholas onde radicam os centros do poder, da elaboração legislativa, da regulamentação da vida nacional». Cada dia que passa—pode admitir-se como uma realidade objectiva é a Galiza mais espanhola. «E, quanto maior fôr o desenvolvimento economico, e mais intensas as relações do homem do «rus» com a vida moderna atravez da emigração pára, países de lingua castelhana e do trato com gentes tecnicas ou vulgares das urbes, ou doutras regiões espanholas, menos vigôr, menos substancialidade, menor condição de necessidade reconhecerá ao seu proprio idioma o proprio camponês».

Martinez Morás considera perdida a batalha no campo. «Contra uma corrente de tal fôrça, é já tarde para lutar».

Mas «e a cruzada romantica nas cidades, o propósito de restaurar o galego como lingua usual e como lingua literaria?

Apresenta «iguais se não maiores obstaculos, que estão na consciencia de todos».

Então?

* * *

Martinez Morás é de opinião que não se deve, que não convém intensificar o renascimento da lingua galega no sentido que pretendem os «galeguistas».

Quem são os galeguistas? Os imitadores dos catalanistas, ou os partidarios da vida politica absolutamente autónoma para a Galiza São muitos?

São muito poucos. Entre eles figuram homens de talento: poetas, dramaturgos e jornalistas.

Eis como Martinez Morás [illegible] com subtl dialética—as suas ilusões:

«Suponhamos a nossa região organizada autonomamente, hoje, no nosso seculo, quando a tradição da lingua propria, desapareceu no costume das cidades e degenerou lastimosamente no campo, sob o imperio de quatro seculos de abandono, de desprezo pelo caudal linguistico popular. Abandono fomentado até pelos proprios romanticos que, desejosos de brilhar, só acidentalmente tratámos de empregar a fala regional nas nossas relações e nos nossos escritos. E não tenho inconveniente em me acusar deste desvio, de que nenhum galego culto, absolutamente nenhum, está isento.

Não se invoque o exemplo de Portugal: que a nação vizinha, ao constituir-se como tal, não tinha quebrado a tradição linguistica, antes pelo contrario, a continuou, modificando-a, adjectivando-a, sem solução de continuidade.

A evolução do idioma galego, a que vimos assistindo, e em que, inconscietemente, colaboramos todos, todos no campo e na cidade, é talvez uma orientação radical da sua vida, como foram modalidades novas as que nos trouxeram as invasões estrangeiras. Lingua e usos, vida civil e juridica tudo mudou no tempo. O espaço, o fundamental e substantivo da região natural, o relevo, o clima, a fama, a flora, sofreram poucas mudanças aparentes. O factor geográfico é infinitamente mais perdurável, por mais essencial, que o factor humano».

Assim fala—objectivamente—um dos membros mais ilustres da Academia galega. Não significa o seu pessimismo — um pessimismo scientifico—que se tenha de repudiar o uso da lingua galega mas, antes pelo contrario, que, admitidas as realidades historica e politica da preponderancia do castelhano, a sua penetração vitoriosa em todas as regiões da Espanha e a sua expansão na America, seja o galego um idioma intimo, um jardim familiar, amorosamente cultivado. Devem falar os galegos entre si—se o querem—a sua lingua vernácula, escrever nela—se o sabem—e estudá-la.

«Mas violencias e invectivas para a impôr como agente essencialissimo na nossa regeneração, não».

E conclui Martnez Morás:

«O renascimento do cultivo da lingua galega, iniciado em meios do seculo passado, teve um caracter, exclusivamente literario e culto.

Se agora tenta dar-lhe novos brilhos, procurando vulganisar nas cidades a linguagem falada, pensamos que seria preciso, para conseguir alguma coisa sob este aspecto, fazer textos didacticos, á maneira dos métodos de ensino directo de linguas estrangeiras, tão generalisados».

Quere dizer que os galegos precisarão de aprender o galego! Tal é a realidade politica: Fica a realidade literaria: os «Cantares» e «Folhas Novas» de Rosalia; os poemas de Curros Enriquez, de Pondal, de alguns outros... Uma realidade parnasana... Feijoo, Murguia e a Pardo—altos prosadores—escreveram em castelhano. E hoje, na novela, no teatro e no jornalismo espanhois, quantos são os galegos? Centenas, milhares...

Oxalá, oxalá renasça plenamente o verbo de Rosalia!

Mas sem intenções politicas, utópicas, que ela, «la nai», nunca teve

ALBERTO INSUA

O QUE VAI LA' POR FORA

Poeira do Mundo

Macdonald em Liverpool

LONDRES, 31

Ao chegar ámanhã ao porto de Liverpool, a bordo do paquete "Duchess of York", o sr. Macdonald tomará um comboio especial, que o aguardará no proprio cais, no desejo de chegar a Londres antes da 1 hora.

O lord-mayor de Liverpool enviou um radiograma convidando o primeiro ministro para um lanche de boas vindas, mas o sr. Macdonald respondeu lamentando não poder assistir, pois deseja partir de Liverpool antes das 8,30.

No entanto o lord-mayor e o Conde de Derby darão as boas vindas ao sr. Macdonald, no momento de desembarque.—(L.)

A saude de Clemenceau

PARIS, 31

O sr. Clemenceau passou uma noite socegada, tendo os seus medicos assistentes recomendado que evite os excessos intelectuais e fisicos a que o "Tigre" se tem entregado no desejo de concluir, no mais breve espaço de tempo, o seu anunciado livro ácerca da Grande Guerra. — (L.)

Hoover e Madame Curie

WASHINGTON, 31.

O presidente Hoover entregou á celebre sabia e fisica madame Curie a quantia de 50 mil dollars, para a compra de um grama de radio, destinado ao Instituto do Cancro da Polonia.—(L.)

Falencia de F. Silva, Ld.a

Informado de que, ontem, no Tribunal do Comercio, no julgamento dos embargos á falencia de F. Silva, Ld.a, o advogado Dr. Bustorff Silva, ao proferir o seu discurso em defesa dos socios daquela firma, para provar que eu era um cadastrado, leu um certificado do registo criminal, afirmando ser o meu, venho declarar, para elucidação daqueles em quem o equivoco possa ter produzido quaisquer efeitos, que o certificado do registo criminal lido pelo referido advogado não me diz respeito, mas sim a um individuo de nome igual ao meu, com o que aliás nada tenho, e que, conforme narraram o «Seculo» e o «Diario de Noticias» de 27 de Janeiro de 1918, publicando lhe até o retrato, nessa ocasião tentou matar uma mulher.

Lisboa, 31 de Outubro de 1929.

JOSÉ CARREIRA

(Gerente da Casa Domingos Machado & C.a (Irmãos)

Falencia F. Silva, Ltd.

Tendo sido um dos peritos nomeados pelo Tribunal do Comercio, para juntamente com o sr. José Carreira, proceder ao exame á escrita da Firma F. Silva, Ltd. e julgando-me por isso tambem atingido pelas suspeições que o advogado sr. dr. Bustorff Silva, no julgamento dos embargos á falencia daquela firma, lançou sôbre esse exame, venho por este meio assumir todas as responsabilidades que a mim e ao sr. José Carreira pertencem, afirmando ao mesmo tempo a este Senhor toda a minha solidariedade e consideração.

Lisboa, 31 de Outubro de 1929.

Eduardo Collares Gavazzo

(funcionario superior do Montepio Gera.

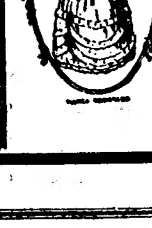
Automovel Club de Portugal
Carta itineraria de Portugal
Num elegante volume com 16 Mapas
PREÇO 30$00
A' VENDA NA SEDE DO CLUB
e nas livrarias

Julio das Farturas
PARQUE MAYER
HOJE
Rainha de Saba
Todas as noites concerto por uma grafonola electrica.
Entrada livre neste pavilhão.

Dr. G. de Brito Chaves
Ex-assistente 1 da Faculdade de Medicina de Lisboa
Residencia: Av. da Liberdade, 212—Tel. N. 114
Consultorio: Rua Rosa Araujo, 8-A—Tel. N. 4696

TROUPE GOUNOD
MAGNIFICOS CONCERTOS
De tarde e á noite
GRANDE CAFÉ D'ITALIA

Quer a sorte grande?
Habilite-se na tabacaria MADRID
Rua do Mundo, 115



A Pompadour tem a honra de participar ás suas Ex.mas clientes que apresenta, desde hoje em diante, os novos modelos de Espartilhos, Cintas e Soutiens-gorges, cuja forma e concepção obedecem á nova linha que a moda impõe.

ODEON O maior successo
"MOULIN ROUGE"
de E. A. DUPONT, com OLGA TCHESCHOWA

Edição das 5 horas

Chapeus de Arte
(Alta Moda)
A colecção para inverno mais distinta de Lisboa encontram V. Ex.ª no
Salão Aureo
246, Rua do Ouro, 248

UM GRANDE PORTUGUEZ

A vida publica de Antonio José d'Almeida

«Revolução não quere dizer morticinio, destruição. A vida do homem é uma coisa sagrada que só em combate leal, e ainda assim bem lamentavelmente, pelo atraso em que nos achamos, se pode tirar. Arrancá-la á vitima domada e vencida é crime ou alucinação. E a revolução, necessidade dolorosa da época retardada em que vamos, só é respeitavel se fôr clemente.»

Do panfleto *A Alma Nacional*

A actividade constante, altiva, generosa, por vezes heroica, do homem republicano, extraordinario patriota, que esta madrugada desapareceu da vida, não se comporta numa simples página de jornal. Bem pode dizer-se que só num livro, paciente e escrupulosamente compilado, a vida do Dr. Antonio José de Almeida pode oferecer para a posteridade um sério testemunho de grandeza, de fé, de honestidade e de beleza moral.

Damos uma pálida sintese cronologica da vida agitada, mas impoluta, do grande tributo, o verbo mais vibrante e sugestivo da Republica, a palavra mais quente, a alma mais altaneira do regime que está hoje ligado á Nação, e para cujo triunfo, sem desfalecimentos nem qualquer sombra de impureza, o grande democrata, desde a sua mocidade, sempre trabalhou, amando e sofrendo, como um apostolo iluminado e como um heroi vidente — como um português de boa lei.

Antonio José de Almeida, que contava 63 anos, nasceu de modesta familia, no dia 18 de Julho de 1866, no pequeno logar de Vale da Vinha, concelho de Penacova. Fôram seus pais D. Maria Rita das Neves Almeida e José Antonio de Almeida. Os seus primeiros estudos liceais fôram calmos e regulares. Esperançosamente, aos 24 anos (1890) entrou para a Universidade de Coimbra. E logo começou a revelar-se o estranho caracter, de nobre rebeldia e ardente visão patriotica, que, depois fez dele uma das mais altas figuras do crédo republicano em Portugal e da vida publica nacional.

Durante a Monarquia

1890 — Entra para a Universidade. Logo nesse ano publica a *Desafronta*, e a seguir um artigo no *Ultimatum*, jornal de Coimbra, intitulado «Bragança, o ultimo», que, apesar da vibrante defesa feita por Magalhães Lima, o levou á cadeia, durante três meses.

1891 — Toma parte activa nos trabalhos da Revolução de 31 de Janeiro.

1892 — Publica, em Coimbra, o famoso manifesto contra o decreto Dias Ferreira, por questões academicas, e perde o ano (unico que perdeu na sua carreira academica).

1895 — Forma-se em medicina, sendo o primeiro do seu curso e conquistando os mais elevados premios.

1896 — Embarca para S. Tomé, onde foi exercer clinica. Aí acompanhou os progressos do ideal republicano, e contraiu o paludismo.

1903 — Regressa á Metropole. Durante esse ano percorre as principais clinicas da Europa, e frequenta especialmente as clinicas hospitalares de Paris.

1904 — Fixa residencia em Lisboa, e lança-se ardorosamente, servido pelo seu extraordinario verbo tribunicio, na propaganda republicana. Começa a sua aura popular.

1905 — Propõe-se pela primeira vez deputado pelo circulo de Azambuja, tendo-lhe sido roubada a eleição. Este acontecimento provocou violentas polemicas na imprensa e questões graves nos tribunais.

1906 — Candidato ao Parlamento pelo circulo de Peral, é novamente roubado na eleição. Ainda neste ano, em novas eleições, entra no Parlamento, com Afonso Costa, João de Menezes e Alexandre Braga, eleito por Lisboa, circulo oriental, na lista da minoria. Em 20 de Novembro pronuncia na Camara dos Deputados o seu formidavel discurso, a proposito da expulsão dos deputados Afonso Costa e Alexandre Braga, acabando por saír da sala, no meio da maior emoção até ali provocada no Parlamento português de todos os tempos.

1907 — Actividade espantosa de Antonio José de Almeida na propaganda, em combate á ditadura franquista. Acaudilha, no seio do Partido Republicado, a corrente revolucionaria, entrando para o Directorio do Partido.

1908 — Toma parte no movimento de 28 de Janeiro, com outros republicanos de destaque. A 1 de Fevereiro deu-se o regicidio. Antonio José de Almeida é restituido, com os seus companheiros, á liberdade. Nesse mesmo ano pronuncia no Parlamento, onde entrou eleito novamente por Lisboa, o extraordinario discurso, que impressionou toda a Camara, a proposito da morte do Rei e do Principe e da dôr das duas Rainhas mães.

1909 — Toma parte nos trabalhos preparatorios da revolução. Na rua, na tribuna, na imprensa e no Parlamento, é o grande agitador da massa popular. Funda o semanario *A Alma Nacional*.

1910 — Continua a ser uma das figuras dominantes da propaganda republicana. A 3 de Outubro, depois do assassinio de Miguel Bombarda, estala a revolução republicana, na qual Antonio José de Almeida teve um papel primordial.

Na Republica

1910 — E' nomeado ministro do Interior do Govêrno Provisorio. E' ele quem redige a primeira proclamação do Govêrno, aconselhando o povo ao trabalho fecundo, base da regeneração, e apregôa medidas de clemencia, dentro da sua ideologia republicana. Nota-se a sua extensa e util acção nos dominios da instrução publica, e publica os decretos-leis relativos á reorganização das Escolas de Belas Artes de Lisboa e Porto e dos serviços artisticos e arqueologicos; criação da Escola de Arte de Representar; regulamentação dos serviços do Observatorio Astronomico de Lisboa; extinção do fôro academico, sendo declarados livres todos os cursos; reorganização do Conselho Superior da Instrução Publica; instituição e regulamentação das bolsas de estudo junto das Universidades de Lisboa e Porto; remodelação do plano de estudos das Faculdades de letras de Lisboa e Coimbra; plano geral dos estudos das Faculdades de Sciencias; reorganização dos serviços da Universidade de Coimbra; reforma do ensino de Farmacia; estabelecimento das Universidades de Lisboa, Porto e Coimbra, fixando as bases da constituição universitaria; reorganização dos serviços das Bibliotecas; criação das escolas de educação fisica junto das Universidades de Lisboa e Coimbra; reforma do ensino primario; aprovação das bases para aprovação da ortografia nacional; neutralidade da escola em materia religiosa. Publica tambem o decreto regulamentando o descanso semanal e promulgando o horario de trabalho no comercio e na industria; cria a Guarda Nacional Republicana, organiza os serviços de Assistencia e de Saude, cria os Tribunais de Honra e estabelece as bases da reforma administrativa.

1911 — E' eleito, por Lisboa ás Constituintes. Scisão do velho partido P. R. P. Funda o partido evolucionista e cria o jornal *A Republica*. Defende e faz triunfar a candidatura do dr. Manuel de Arriaga á Presidencia da Republica. Depois da criação do Senado, toma assento na Camara dos Deputados, como «leader» do seu partido. Em 3 de Setebbro de 1911 é subestituido o Govêrno Provisorio, e João Chagas substitui-o na pasta do Interior.

1912 — Facilita a organização dos Ministerios Augusto de Vasconcelos e Duarte Leite. Defende na imprensa e no Parlamento a sua ideologia politica republicana.

1913 — Continua a sua acção intensa no Parlamento e na imprensa.

1914 — Facilita a organização do Ministerio Pimenta de Castro, de cuja acção discorda, e dá ministros para o Govêrno de Concentração Republicana, que se seguiu ao 14 de Maio. Em Agosto rebenta a guerra, e Antonio José de Almeida torna-se vibrante de patriotismo, mostrando-se logo um intervencionista sincero.

1916 — Antonio José de Almeida preside ao Govêrno da União Sagrada (15 de Março) congraçando-se nobremente com o Dr. Afonso Costa. Intervenção de Portugal na Grande Guerra.

1917 — Abandona, a 25 de Abril, o Govêrno da União Sagrada, e apoia o Govêrno que se segue, presidido por Afonso Costa. A 5 de Dezembro dá-se a Revolução de Sidonio Pais, e Antonio José de Almeida toma imediatamente uma atitude de combate ao novo estado de coisas.

1918 — Continuação do combate ao regime de Sidonio Pais, que é assassinado em Dezembro.

1919 — Principia a doença a quebrar-lhe a actividade politica. Dá-se a revolução monarquica do Porto, e Antonio José de Almeida toma uma atitude desassombradamente republicana, reunindo elementos para o combate decisivo. Apoia os Govêrnos que se seguiram á traição monarquica (João Tamagnini, José Relvas, Domingos Pereira e Sá Cardoso). A 6 de Agosto de 1919 é eleito Presidente da Republica, ao terceiro escrutinio, por grande maioria, e toma posse a 5 de Outubro.

1920 — Preside aos destinos da Nação. Visita ao Porto e Coimbra.

1921 — Pretende resignar o seu cargo de Presidente da Republica, depois da revolução de 19 de Outubro.

1922 — Recebe o Rei da Belgica no Palacio da Ajuda. Em Agosto deste ano realiza a sua viagem ao Brasil, na qual conseguiu um formidavel triunfo pessoal, que se converteu num triunfo politico para a Nação. Pronuncia os seus modelares discursos no Palacio do Congresso Brasileiro e no Gabinete Português de Leitura, ante os quais se curvou o pensamento brasileiro e se emocionou a alma portuguesa de todas as ideias politicas. Encontra no Brasil Gago Coutinho e Sacadura Cabral, e é com estes homens, nos terrenos da Exposição, alvo da maior ovação que se tem visto no Rio de Janeiro. Volta a Portugal em Outubro.

1923 — Em aneiro impõe solenemente, na Ajuda, o barrete cardinalicio a Mgr. Locatelli. Em 5 de Outubro completa o seu mandato presidencial — unico Chefe do Estado que o completou — e regressa, já muito abalado de saude, ao seu lar, santificado pelo amor da familia e pelas suas singulares e exemplares virtudes civicas.

1924 a 1929 — Piorando constantemente, com melhoras ilusorias, o dr. Antonio José de Almeida conserva-se afastado da actividade politica, mas mantendo a esperança, quasi até os ultimos meses da sua vida, de que um dia poderia regressar á defesa activa da Republica e ás lides de imprensa, nas quais sonhava conquistar ainda triunfos para o pensamento republicano e para a vida da Nação.

PREÇO 1$00

Cinegrafia

PREÇO 1$00

Foi hoje posto á venda o N.º 13 desta revista, que além de variadissima reportagem nacional e estrangeira insere uma interessante entrevista com a ilustre actriz Lucilia Simões.